

SESSION 2025

**CAPES
CONCOURS EXTERNE**

**SECTION : LANGUES VIVANTES ÉTRANGÈRES
PORTUGAIS**

EPREUVE ECRITE DISCIPLINAIRE

Durée : 6 heures

L'usage de tout ouvrage de référence, de tout dictionnaire et de tout matériel électronique (y compris la calculatrice) est rigoureusement interdit.

Il appartient au candidat de vérifier qu'il a reçu un sujet complet et correspondant à l'épreuve à laquelle il se présente.

Si vous repérez ce qui vous semble être une erreur d'énoncé, vous devez le signaler très lisiblement sur votre copie, en proposer la correction et poursuivre l'épreuve en conséquence. De même, si cela vous conduit à formuler une ou plusieurs hypothèses, vous devez la (ou les) mentionner explicitement.

NB : Conformément au principe d'anonymat, votre copie ne doit comporter aucun signe distinctif, tel que nom, signature, origine, etc. Si le travail qui vous est demandé consiste notamment en la rédaction d'un projet ou d'une note, vous devrez impérativement vous abstenir de la signer ou de l'identifier. Le fait de rendre une copie blanche est éliminatoire.

Tournez la page S.V.P.

A

INFORMATION AUX CANDIDATS

Vous trouverez ci-après les codes nécessaires vous permettant de compléter les rubriques figurant en en-tête de votre copie.

Ces codes doivent être reportés sur chacune des copies que vous remettrez.

► **Concours externe du CAPES de l'enseignement public :**

Concours	Section/option	Epreuve	Matière
E B E	0 4 3 3 E	1 0 1	9 3 1 1

A/ COMPOSITION EN LANGUE ÉTRANGÈRE

AXE : Art et pouvoir

A partir de l'axe indiqué, vous proposerez une problématique en vous fondant sur l'analyse et la mise en résonance des documents ci-dessous. Vous rendrez compte de votre réflexion en une composition structurée en langue portugaise.

B/ TRADUCTION

Vous traduirez en français le document 1 de « *Encenamos Prometeu na presença...* » (ligne 15) jusqu'à la fin du texte.

Document 1 : A encenação da peça *Prometeu acorrentado*

Damiano distribuiu o texto de *Prometeu acorrentado* [...] e perguntou se a gente conhecia o significado grego de Prometeu. Dinah disse: “É o que pensa antes de todos. Um visionário. Esse titã apareceu numa obra de Hesíodo, antes da peça de Ésquilo. Prometeu não era um herói, é um rebelde que ofende Zeus”. Damiano concordou: “Um rebelde e anti-herói. Nossa peça vai ser uma história de família, sem deuses celestes. O titã Prometeu, as pessoas e a terra do Distrito Federal. Já enviei o texto à Secretaria de Segurança.”

“Não vai ser censurado?”

“Mas eu mantive o mito original. O fogo roubado por Prometeu é oferecido à humanidade para compensar nossa fraqueza e tentar salvar os homens da loucura destrutiva de Zeus. Misturei o texto de Ésquilo com trechos da *Teogonia*, do *Protágoras* e de uma peça de um autor brasileiro. Os censores não conhecem a obra de Hesíodo, de Platão nem de Oswald de Andrade. Não sabem o que é uma alegoria. Será que sabem ler?”

“São mais perigosos quando leem sem saber ler”, disse Dinah.

“Perigosos de qualquer jeito”, afirmou Lázaro. [...]

Encenamos *Prometeu* na presença de uma dupla de censores. Quando as lâmpadas foram apagadas, os dois homens, quase invisíveis, davam um ar sinistro à sala. Damiano interferiu várias vezes na atuação de Vana e Fabius, mas sem rispidez, com uma voz quase compassiva, como se os censores na escuridão o inibissem. Depois do ensaio, Damiano mostrou a eles o projeto do cenário e explicou cada detalhe. Lázaro-Prometeu seria acorrentado no telhado de um barraco; pequenas bolas de plástico transparente seriam espalhadas no chão do palco.

“Como são essas bolas?”, quis saber um censor.

“Parecem globos oculares de vidro”, esclareceu Damiano. “Assim mesmo como está no desenho. Nessa outra folha fiz o esboço da tela que vai ficar no fundo do palco. Uma tela grande, desenhada a carvão e lápis.”

“Não entendi esse desenho”, disse um dos homens. “É a praça dos Três Poderes? E essas manchas que cercam a praça?”

“Não é uma cópia da realidade”, disse Damiano. “O desenho lembra de longe a praça dos Três Poderes. Essas manchas... essas manchas são um efeito estético.”

“Onde estão as águias do texto? Ou são abutres, urubus?”, disse a voz censora.

“Foram substituídas por sons metálicos... ruídos de serra elétrica, britadeira e grasnidos.” [...]

O texto de *Prometeu* foi liberado com alterações e cortes. A censura excluiu cinquenta e duas frases e substituiu várias palavras : “inferno” por “mundo subterrâneo e abrasivo”; “Brasília” por “Cidade Invernal”; “os Três Poderes” por “as Três Instituições”; “Planalto Central” por “meseta do hemisfério Norte”. O barraco de Prometeu teria que ser pintado de branco e decorado com floreiras. A tela desenhada por Damiano foi totalmente vetada: a praça dos Três Poderes, cercada por cidades-satélites no cerrado calcinado, teria que ser substituída por uma paisagem de gelo e neve.

“Esses merdas transformaram o texto numa alegoria de um país nórdico”, disse Damiano. “Brasília virou uma cidade fictícia da Escandinávia. Mesmo assim, acho que vale a pena encenar.

“Os censores rasgaram o teu texto”, disse Lázaro a Damiano. “Vamos encenar um falso *Prometeu*, com um cenário de agência de viagem? ”

Milton Hatoum, *A noite da espera*, 2017

Document 2 : A casa

Decidiu caminhar um pouco, até à próxima paragem do autocarro, para gozar o sol e o calor. Ali, perto do Hospital Universitário, havia pouca gente nas ruas. Gente bisonha, que ia para o hospital ou dele vinha. Preocupados com alguma doença, real ou suposta. Se não têm nenhuma, preocupam-se pela que terão no futuro. O português precisa sempre de qualquer coisa para estar melancólico. E se não for a saúde, é a família, ou então o emprego. Povo triste, pensou Sara. É do regime político ou é a essência da gente? Não vamos também culpar o salazarismo por tudo. O próprio Salazar já era tristonho, cinzento, antes de criar o seu cinzento regime. Regime de eclesiásticos e militares graves, o que convém para um povo de camponeses com pouca terra. Assustou de repente: essas ideias não serão reaccionárias? [...]

Mas que são tristes, são. Que diferença com a esfuziante alegria dos africanos, o que os faz passar por irresponsáveis. [...]

Chegou à paragem. Duas mulheres à espera, vestidas de negro, com um lenço negro na cabeça. Vêm dum enterro ou do campo? Talvez da missa. Ou então vestem assim mesmo, porque são viúvas. Trazem luto por familiares mortos em Angola, com o levantamento do Norte? Rejeitou a ideia. Não têm morrido tantos como a propaganda oficial proclama. Convém a Salazar criar o clima de histeria colectiva, centenas e centenas de brancos trucidados pelos terroristas, Angola é uma fogueira imensa, temos de defender a Pátria e os portugueses. Para Angola em Força! A propaganda estava a resultar, tinha de reconhecer. Um espesso clima de suspeição se abateu sobre os Africanos em Lisboa. Passaram a cochichar quando antes discutiam a altos gritos, sempre com gargalhadas no meio. E a população passou de repente a olhá-los com hostilidade. Não em relação a Sara, que era branca, e portanto considerada à partida uma boa portuguesa. Os negros e mulatos eram quase apontados a dedo, nos cafés, nos cinemas, na rua. Traziam na cara os estigmas que os denunciavam como potenciais terroristas [...]

O autocarro chegou. Felizmente era de dois andares, dava para ir lá em cima e gozar melhor o espectáculo de Lisboa ao sol. [...] Nascida em Benguela, feito o final do liceu no Lubango, viera há quase seis anos para Lisboa estudar Medicina. O barco parou um dia em Luanda, os parentes do pai levaram-na a passear. [...] Sabia, começava o exílio. Essa ideia de exílio que se impregnou nela ao sair de Luanda fê-la chorar, quando o barco se afastou da baía

30 iluminada à noite. Muito tempo ficou na amurada, olhando e respirando pela última vez as luzes e os odores da terra deixada para trás. Impressões nela permaneciam, intactas, avivadas a todo o momento pelos angolanos vivendo na capital do império. [...]

Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colónias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão de que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e os outros nada. Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colónias, se não era reflexo directo e imediato duma política criminoso, encontrava nela uma agravante e servia os seus objectivos. E demonstrou essas ideias numa palestra que fez com um médico cabo-verdiano, no ano passado. Palestra prudente, com cuidadosa escolha das palavras, que lhe valeu muitos aplausos no fim, mas também uma chamada à PIDE, a polícia política, para advertência. Agora tens ficha na PIDE, 45 cuidado, avisou Aníbal. Os pais lá em Benguela souberam do caso, por vias que só Deus talvez explicasse. Lá veio a carta, pagamos-te os estudos para seres médica e não para defenderes ideias comunistas. Não ponham adjectivos ridículos, são ideias justas, respondeu ela, sabendo que não os convenceria.

Pepetela, *A geração da utopia*, 2013

Document 3: Fado da censura

Neste campo da Política
Onde a Guarda nos mantém,
Falo, responde a Censura ;
Olho, mas não vejo bem.

Há um campo lamacento
Onde se dá bem o gado ;
Mas, no ar mais elevado,
Na altura do pensamento,
Paira um certo pó cinzento,
Um pó que se chama Crítica.
A ideia fica raquítica
Só de sempre o respirar.
Por isso é tão mau o ar
Neste campo da Política.

Às vezes, nesta planura,
Se o vento sopra do Norte,
O pó torna-se mais forte,
E chama-se então Censura.
É um pó de mais grossura,
Sente-se já muito bem,
E a Ideia, batida, tem

Uma impressão de pancada,
Como a que dão numa esquadra
Onde a Guarda nos mantém.

O pó parece que chove,
Paira em todos os sentidos,
Enche bocas e ouvidos,
Já ninguém fala nem ouve.
Se a minha boca se move,
Logo à primeira abertura
A enche esta areia escura.
Só trago e me oiço tragar.
É uma conversa a calar.
Falo, responde a Censura.

Vem então qualquer vizinho,
Dos que podem abrir a boca ;
No braço, irado, me toca,
E diz, “Não vê o caminho ?
O seu dever comezinho
De patriota aí tem.
Vê o caminho e não vem?!”
Para isso, bolas aos molhos!
Se este pó me entrou prós olhos,
Olho, mas não vejo bem.

[1935]

Fernando Pessoa, *Contra Salazar*, 2008